

Palestra-performance - O poder do clichê

HALEH ANVARI

TRADUÇÃO DA NARRAÇÃO: JANAYNNE C. DO AMARAL

Olá, meu nome é Haleh e eu sou iraniana
Eu também sou muçulmana,
Eu sou liberal
Eu sou mulher
Quatro coisas difíceis de ser nos dias de hoje.

Algum tempo atrás, algo começou a me incomodar
Sobre a forma que você me vê
A maneira que você me julga
As expectativas que você tem de mim
Como um ícone

Tanto dentro como fora do Irã,
Que é a minha casa.

Em toda parte estamos rodeados por ícones
Eles nos dizem sobre uma coisa ou um lugar.
E nós pegamos essa ideia e adicionamos
Cheiro, sabor e ideologia.

Você olha para um ícone e sabe exatamente
O que você supõe saber.

E você sabe muito mais do que a imagem,
Até tentou dizer.

Às vezes eles ainda se tornam sagrados,
Esse é o poder de um ícone
Que é a mãe de um clichê.

Este é o ícone do depósito Xá do Irã
Ele esperava estimular os seus neurônios

Para pensar: Ahhh! Irã.
Mas as coisas não evoluíram exatamente para ele
Ou sua fabricação-ícone

Em vez disso, nós terminamos como outro ícone

Não este [imagem do Rei Cyrus]
O símbolo da nossa “persianidade” [persian-ness]
Não este [imagem de Ali]
O símbolo da nossa “xianidade” [shian-ness]
Não este [imagem de Rumi]
O símbolo do nosso misticismo
Nem mesmo isso [imagem do aiatolá Khomeini]
O símbolo da nossa revolução
Bem como
A maior parte de vocês não consegue falar de um homem
de turbante
Separado de outro

Mas isto,
Esta outra torre
É como um ícone para o Irã...
Uma torre feita de tecido
O chador¹ iraniano preto.

Este é o ícone preferido da mídia ocidental
E dos governadores do Irã.

Em ambos os lados quero você me veja,
Iraniana/Muçulmana/Mulher
Como uma anônima,
Monolítica,
Torre da escuridão.

Ambos me usam como um ícone para o choque de civili-
zações.

Um quer para proteger a minha alma,
O outro lado quer libertá-la.

Então, eles mostram a você
EU
Na minha total escuridão na
TV
Nos livros e nas revistas...

Como nesta página do 4º livro da escola primária do meu filho,
Ou neste selo postal iraniano

Ou nestes livros que dizem tudo sobre mim
Escritos por pessoas que passaram quase
Duas semanas no meu país.

Eu suponho que esses livros são sobre mim
Todos eles têm uma imagem minha em suas
Capas

Eu vendo cópias,
Eu vendo ideias,

E nas dobras do meu chador preto
Eu vendo duas noções violentamente opostas
Colocadas em uma rota perigosa de colisão

Eu sou Haleh
Eu sou iraniana, eu sou liberal, eu sou mulher.
Eu sou um ícone
Eu sou um *best-seller*
Eu sou o “Oh, veja isso” que faz toda
Notícia que é transmitida do Irã.

Um lado me vê como uma criança imatura vulnerável,
Que precisa de um guardião
E cuidados paternos

O outro lado
Vê-me como uma humilhada
Oprimida
Desamparada
Sem voz
Prisioneira
Da minha cultura inferior.

Meu nome é Haleh
Eu sou iraniana Eu sou muçulmana Eu sou mulher
Eu sou Filha
Eu sou irmã
Eu sou amiga
Eu sou esposa

Eu sou mãe
Eu sou CIDADÃ.

Você sabia que o Presidente Khatami
Foi eleito por causa do esmagador
Apoio das mulheres iranianas? DUAS VEZES.

Meu nome é Haleh e eu sou iraniana

Eu venho de uma família *chadori*²
A mãe e irmã do meu pai usavam
O chador.
Mas elas só usavam preto em
Épocas de luto.

Elas tinham leves chadores floridos de algodão
E os especiais...
Feitos de linhas finas e desenhos de ouro para casamentos
e ocasiões singulares.

Esta é a minha tia Ammeh, em minha festa de noivado.
Para mim, o chador da minha tia era o símbolo
De sua atividade fora do lar;
Ela o jogava sobre a cabeça dela para entrar no mundo
Não para fugir dele...
Ela não era retraída.
Dormi nas dobras de seu chador em longas jornadas;
Ele se tornou uma tela para proteger-me do sol ardente
E do ar frio da noite do clima desértico de Isfahan,
Foi um refúgio das brigas entre os meus pais.

Segurando a mão dela que saía do seu chador florido,
Fomos para santuários
Para lojas
Fomos a piqueniques
E ao bazar

As pequenas flores nos seus suaves chadores coloridos
Pareciam enormes diante do meu olhar infantil...
Cada pétala
Cada motivo
Ganhou vida com cada passo que ela dava
Sua capa floral
Batia asas

Agora crescendo
Como um papel de parede do super-homem
Nas ruas de Isfahan

Minha avó, uma mulher devota e temente a Deus,
Uma mulher enraizada em suas ideias tradicionais e rígidas
Permitiu que meu pai e seus irmãos
Cursassem o ensino superior, mas para a sua única filha
Não foi permitido.
Sem dúvida, para protegê-la do maligno
Conhecimento...
E a turbulência da mudança varrendo
Todo o país.

Ela viu o chador sendo retirado da
Cabeças de mulheres pela polícia do Xá Reza
E por ser mulher e por Deus
Ela se negava a tirá-lo

Então, minha tia assistiu melancolicamente, enquanto
Seus irmãos se tornavam doutor, engenheiro
Jornalista, advogado

Na próxima geração de mulheres da minha família,
Eu e minhas primas não éramos
Obrigadas a usar o chador..
Fomos requeridas a frequentar a universidade
E sermos modernas mulheres iranianas.

Nós nos tornamos arquitetas, professoras, doutoras
Jornalistas

Haj Khanum era como chamávamos a minha avó,
Ela insistia em cobrir a si mesma o mais humanamente
possível sem
Ter de usar uma máscara.
Então, com uma mão ela segurava a capa
E deixava apenas um olho descoberto com o qual pesqui-
sava o terreno,
Assim navegava entre a casa dela e a mesquita.

Seu chador era um baú secreto,
Inabalável, mesmo com o vento.

Nos dias em que ela usava o seu chador preto grosso e pesado,
Ela deve ter tido um estranho campo restrito de visão que
espiava

O mundo através de um olho...
Semelhante ao visor de uma câmera
E do ponto de vista que sopra lentamente e
Inevitavelmente do Ocidente.

Eu sou Haleh, eu sou iraniana, eu sou mulher.
Eu sou jornalista, eu sou produtora
Eu sou escritora, eu sou fotógrafa
Anos depois, por ordem do destino eu
Produzi notícias para a mídia ocidental...
No Irã, onde o *hijab*³ tornou-se
Uma necessidade legal.

O chador não era mais uma questão para
Negociar com um pai (ou mãe) idoso(a) e piedoso(a)
Mas algo para ser negociado com
O Estado e sua polícia moral.

Mulheres cujas mães tinham sido
Forçadas a abandonar o *hijab* foram forçadas
A colocá-lo novamente.

As paredes de nossas cidades, as entradas para as nossas lojas
Lembram-nos da virtude que nós mantemos intacta.
Retomando o *hijab*,
Quanto mais completo e mais negro, melhor

Nós nos tornamos a marca não registrada
Da República Islâmica do Irã

O símbolo sem palavras que gritou: o Irã mudou,
A revolução conseguiu.

Tornamo-nos responsáveis pelo bem-estar
Da revolução irrevogavelmente
Ligada à sua imagem

Um deslizamento do *hijab* significava
Que a revolução iria perder o seu caminho

Milhares de repórteres estrangeiros vieram...

Para caçar esta anacrônica e estranha
Criatura...
Em seu hábitat nativo.

Eles buscaram primeiro a raiva.
Os revolucionários
Marchando
Gritando morte à América
Depois, a mulher
No seu dia a dia
Comprando
Dirigindo
Fazendo um telefonema
Que imagem *funky* e estranha
A anomalia do final do século 20
A mulher não liberada do oriente.

Fascinados, eles transmitem essa imagem
Ao redor do mundo
Dando-lhe uma vida que nunca poderia ter
Alcançado por conta própria.

Eles chamam tudo de chador⁴, mesmo um lenço,
Mesmo um casaco se tornou um chador preto para eles
Incapazes de distinguir um conceito de vestimenta.

Nem mesmo as crianças do sexo feminino foram poupadas
Do olhar.

O chador negro tornou-se a mulher iraniana,
A mulher muçulmana,
Mesmo aquelas que nunca o vestiram.

Um objeto de escárnio
Mas estranhamente magnético
Deplorável, embora atraente.

Mas isso não era novidade no caminho
Que o Ocidente tinha escolhido para nos ver
Como as mulheres do Oriente.

Quando eles vieram primeiro,
Levaram para casa imagens míopes semelhantes,
Primeiramente nas pinturas

E, posteriormente, nas fotografias

Imagens fantásticas, em cenários exóticos
Fabricadas para estimular e não para esclarecer.

A arte como servo da desinformação.

Da mesma forma que a odalisca
Tornou-se o símbolo da mulher extremamente mimada,
Sexualizada e protegida
Mulher oriental...

Sempre definhando em um banho turco
Ou em seu quarto à espera de algum senhor
E amo invisível para vir e possuí-la

E esperançosamente aliviá-la de seu
Estado frio de nudez,
Nós, as mulheres iranianas,
Tornamo-nos o assunto de outra noção produzida e super
simplificada
De visitantes com um visto de dez dias e uma lente de dez pés.

Parecíamos freiras...
Mas nós certamente não nos comportamos como freiras
trancadas em algum isolamento monástico...
Nós estávamos lá fora, nas ruas
Nos escritórios
Nas universidades...
Nós não deitamos e morremos,
Não pressionávamos e politizávamos
Nós expandimos.

Portanto, ao contrário da minha irmã no harém
Que agradou em seu mármore frio
Tranquilidade....
O nosso movimento
Tornou-se o assunto do olhar
Occidental.

Tudo o que fizemos...
Até mesmo o mais mundano
Desperta mais curiosidade

Não queriam ele
Pobre alma
O homem iraniano
Ele poderia ser qualquer homem em qualquer parte do mundo
Queriam ela

Meu nome é Haleh, eu sou iraniana, eu sou mulher
Eu sou remadora, eu sou jogadora de golfe, eu sou jogadora de futebol

Eu sou quem eu sou, apesar dos obstáculos
Eu sou contra todas as suposições

Entretanto aquelas que por escolha não vestem
O chador na sociedade iraniana...
Começaram a desenvolver uma erupção
Sobre todas coisas ligadas ao Estado Oficial
O chador tornou-se uma praga e nós
Não queríamos nada disso.

Agora, era um testamento internacional
Ao atraso e paixões revoltantes
Nós insistíamos em nosso lugar
No mundo moderno e civilizado.

Qual a melhor maneira de fazer isso do que
Ser mais ocidental do que os ocidentais
Para mostrar a você

Que somos apenas como você.

O chador tornou-se o símbolo do
OUTRO
E nós não queremos ser o outro

Nós queríamos ser ocidentais
Civilizados
Livres
Pessoas bonitas

Termos definidos por você
Vendidos de forma tão eficaz
Incessantemente

Através da mídia

O problema?
Você faz com a sua própria mulher
O mesmo que você faz comigo

A imagem que você alimenta regularmente
Da mulher cristã ocidental
É tão distorcida

Então começamos a olhar
Não como você
As verdadeiras mulheres do Ocidente
Em suas escolas
Em seus escritórios,
Em suas universidades
Mas a fantasia VOCÊ,

A imagem fabricada
Da menina parcialmente nua
Empurrando seus quadris
Na MTV

Queríamos um pouco do
Sonho americano
Engarrafado
Pronto para a exportação

O tamanho zero
Branco
Loiro
Odalisca
Pronto para a festa de 24/7

A anomalia
Do início do século 21

Assim, ao mesmo tempo
Como num jogo de gato e rato
Com as autoridades no Irã
Através do nosso *hijab*
E sentindo um tipo de empoderamento por isso
Nós levamos a faca para nossos narizes

E o peróxido para o cabelo
Desesperadas para aliviar-nos
Do fardo da nossa própria imagem

No entanto, mesmo que desejássemos nos distanciar disso
Nós interiorizamos o chador

O chador se tornou uma emoção
E a emoção começou a infiltrar-se
Em nossa arte
Nós começamos a zombar dele
Mostrando o que ele é agora
Um corrente em torno de nossos pescoços
Um peso nas costas
Uma gaiola de identidade

E cada vez que utilizamos isso dessa maneira
Reforçamos o mesmo estereótipo do qual estávamos fugindo

Os subjugados, desamparados e sem voz
Múmia moderna
E os curadores ocidentais nos recompensam
Com a sua atenção e os aplausos.

Aprendemos a nos ver através da nossa lente.

É uma triste verdade que o Ocidente,
O mundo civilizado como ele deseja chamar a si mesmo,
Vê tudo em termos preto ou branco.
Ou estamos com você ou contra você
Ou estamos ocidentalizados ou
Fundamentalistas.
Nós somos o bem ou o mal

Eu sou Haleh, eu sou iraniana, eu sou mulher
Porque eu cubro o meu cabelo, por qualquer razão
Você me vê com olhos maiores do que vê a si mesmo

Meu vestuário deixou você interessado,
Intrigado, como um presente embrulhado
Engraçado como em vez de me proteger,
Em vez de me apagar,
Minha cobertura faz com que eu me destaque mais

E isso faz você me olhar fixamente...

Querendo saber o que está
Por baixo.
Não admira que eu precise de proteção!

Meu nome é Haleh e eu sou iraniana
Eu moro em uma casa não muito diferente da sua
Com paredes e com janelas
Você pode vir a minha casa
E você vai ver como é fácil de ser
Mais do que uma coisa

Na minha casa, a mãe de chador
Vive feliz...
Com a filha recostada em seu peito
Na minha casa você vai ver um pai iraniano
Beijando sua filha que está noiva

Você nos verá brincando e dançando
JUNTOS... Assim como você faz

Você vai me ver do jeito que eu sou
Da maneira que nenhum dos lados quer que eu seja vista.
Isso não vende cópias
Para dizer a seus leitores
Para mostrar a seus telespectadores
A informarem seus soldados
Aqui está o olhar do Irã

Eles são como você e eu
Que não vão fazer
O que pode levar a empatia
E empatia é perigoso quando você
Enfrenta um inimigo
Você não pode ampliar as semelhanças de um sujeito
Quando você quer *fotografar* isto

Eu sou Haleh, eu sou mulher
Eu sou uma imagem
E uma criadora de imagem
Eu sou um ícone
Uma rompedora de ícone
Insisto na vida e na cor

Eu tenho voz
Eu tenho movimento
E nada na minha vida é preto ou branco.
E você
Você Nunca deve Subestimar

O poder Deste Clichê

NOTAS

1. Vestimenta tradicional iraniana que cobre todo o corpo da mulher, deixando apenas o rosto e mãos à mostra.
2. Uma família de mulheres que usam chador. (N.T).
3. Conjunto de vestimentas islâmicas para as mulheres.

Referências

ANVARI, H. *Power of a Cliché*. Performance lecture, 2006. Disponível em: <<https://vimeo.com/61602790>>. Acesso em: 10 maio 2016. (21 min.).

Recebido em: 20/04/16

Aceito em: 01/06/16

HALEH ANVARI

<http://www.halehanvari.com/>

Nascida no Irã e educada no Reino Unido, Haleh Anvari é uma artista e escritora iraniana independente. Ela tem exibido internacionalmente *O Poder do Clichê*. Sua palestra-performance é usada regularmente como ferramenta de ensino em programas de arte e estudos culturais. Anvari escreve para diversas publicações, mais recentemente *Tehran Bureau*, *The Guardian* e o *New York Times*. Ela mora e trabalha em Teerã e Londres.

JANAYNNE CARVALHO DO AMARAL

menequete@gmail.com

Mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (UFG), bolsista CAPES. Graduada em Direção de Arte na Escola de Música e Artes Cênicas na mesma Universidade. Atua principalmente nos seguintes temas: representações do Irã e da mulher iraniana, fotografia e quadrinhos autobiográficos.